

ALINHAMENTO SEM RECOMPENSA, MAS NÃO SEM INTERESSE: A APROXIMAÇÃO DO BRASIL DOS EUA NO PÓS GUERRA

MOURA, Gerson. **O Alinhamento sem recompensa: a política externa do governo Dutra**. São Paulo: Edusp, 2020. 148 p.

Matan Ankava¹

Se, no período prévio (1942-1945), o alinhamento aos Estados Unidos funcionou como um *instrumento* da política externa brasileira, ensejando uma série de ganhos materiais e políticos, pode-se dizer que, no período aqui analisado (1946-1950), o alinhamento configurou-se como *destino*, que, de resto, pouco recebeu em contrapartida (MOURA, 2020, p.136, grifos no original)

Esta colocação, que encerra o livro, apresenta a principal tese de *O Alinhamento Sem Recompensa: a Política Externa do Governo Dutra*. Sintetiza uma interpretação presente no conjunto da obra do autor, segundo o qual a “equidistância pragmática” que caracterizou o governo varguista foi substituída por um apoio constante e imediato, sob a presidência de Dutra. *O Alinhamento Sem Recompensa* busca apresentar as continuidades e rupturas com relação à lógica da *autonomia na dependência* (MOURA, 1980), centrando-se no período subsequente ao Estado Novo.

Gerson Moura (1939-1992) foi um dos primeiros historiadores brasileiros a se aventuraram por campos que hoje conhecemos como *História Diplomática* e/ou *História das Relações Internacionais* (LAFER, 1992; MEIHY, 1993). Sua morte precoce fez com que diferentes obras suas só sejam

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social (USP, ingresso em 2021) Mestre em História (Unifesp-2020); Bacharel e Licenciado em História (USP-2016). Email: matan.ankava@gmail.com

editadas postumamente, como foi o caso de *O Alinhamento Sem Recompensa*. Seu texto original foi publicado em formato de relatório em 1990; 30 anos depois, praticamente sem alterações, teve nesta edição da Edusp sua primeira versão em livro.

A pesquisa de Moura aborda a política externa brasileira a partir de ambientes e óticas diferentes: trata dos fins da Segunda Guerra Mundial, localizando o Brasil no novo desenho internacional estruturado pelos países Aliados, com a liderança dos EUA; explora as dinâmicas inter-americanas no contexto do Pós-Guerra; explora as relações bilaterais Brasil-EUA e Brasil-URSS; aborda a posição política, interna e externa, do Brasil, diante da polarização do mundo e da Guerra Fria.

Esse conjunto de olhares permite ao autor observar um crescente apoio do Brasil aos Estados Unidos, que torna-se praticamente automático; em contrapartida, “na perspectiva norte-americana, a relação especial que vigorara no período da guerra entre os dois países já não tinha razões de existir. Washington pensava agora em termos de estratégia global” (p.121). Desta forma, os EUA afastam-se da Política da Boa Vizinhança que norteou sua relação com a América Latina durante a Guerra, voltando-se para o conflito com a União Soviética, que tinha como palcos centrais a Europa e a Ásia. Os novos acordos inter-americanos não buscavam mais atentar-se a questões regionais, passando a configurar “um sistema de forças que respaldava a projeção mundial dos Estados Unidos” (p.85).

Assim, o estudo de Moura revela alguns aspectos interessantes, referentes à atuação do governo Dutra, àquela do governo Truman e às relações bilaterais entre os dois países. A respeito do Brasil, aponta a expectativa de “alavancar” a participação do país na Segunda Guerra Mundial, assumindo uma posição de destaque na ONU e no continente americano. Como aponta o autor, ao menos do ponto de vista diplomático, esse desejo obteve pouco sucesso. Ainda, observa-se um crescente posicionamento ao lado das grandes potências ocidentais, e particularmente os Estados Unidos - mesmo as custas dos interesses dos países de menor força, entre os quais se encontrava o país.

Com relação aos EUA, observa-se o deslocamento de sua atenção, do cenário continental para, praticamente, todas as partes do mundo; o “regionalismo” da Política da Boa Vizinhança cedeu lugar para uma projeção de hegemonia mundial. Agora, diante das crescentes tensões com a União Soviética e a formação de um mundo bipolar, “o governo Truman tinha poucas razões para repetir no continente a assistência econômica que prestava às regiões estrategicamente mais importantes da Europa e da Ásia” (pp.123-124). Ao invés, buscou fomentar alguns setores estratégicos, para si, através da atuação de empresas norte-americanas no Brasil.

A junção destes elementos é que moldou as interrelações entre os dois países: por um lado, um apoio imediato e praticamente incondicional do Brasil às determinações estadunidenses; por outro, uma crescente “banalização” dessa cooperação, expressa num maior interesse por outras partes do mundo, e tratamento semelhantes a todos os países da América Latina. Como resultado, apesar de “(a) política externa do governo Dutra constitui aparentemente uma continuidade da diretriz seguida pelo governo Vargas desde 1942” (p.131), seus sentidos foram profundamente diferentes.

Essa reconstrução de uma conjuntura política contribui para entendermos as relações internacionais em sua complexidade, e a diplomacia para além dos indivíduos. Ou seja, ao invés de resumir os resultados positivos da “autonomia” à habilidade política de Vargas, ou atribuir a falta de “recompensa” às limitações de Dutra, Moura traça as continuidades e transformações de um contexto global, a partir do qual certas políticas tornam-se viáveis e benéficas, ou não. Assim, nas palavras do autor: “nesse contexto de mudanças rápidas, os planejadores brasileiros formularam políticas que se assentavam em pressupostos válidos para o período da guerra, mas que talvez não correspondessem às novas realidades mundiais e continentais de 1946 em diante” (p.131).

Uma outra contribuição de *O Alinhamento Sem Recompensa*, também oriunda de sua visão ampla e multifacetada, é a identificação das aproximações entre as nações, mas também das particularidades que influíram suas condutas.

Um caso exemplar se encontra na postura com relação à União Soviética: “enquanto o antissovietismo norte-americano era parte de uma estratégia global de uma grande potência em busca de hegemonia, o antissovietismo brasileiro era expressão de uma compreensão específica dos conflitos sociais internos e da maneira de enfrentá-los” (p.117). Assim, uma expressão central do apoio brasileiro aos EUA não decorria apenas de uma subordinação a demandas externas, mas da sobreposição de conjunturas e interesses: o desejo de restringir a força do PCB e/ou movimentos similares, no cenário local, convergia na preocupação do “Ocidente” com a ascensão e influência da URSS - posição encabeçada pelos Estados Unidos.

De certa forma, é possível enxergar neste apontamento um embate com o argumento central do livro, o “alinhamento sem recompensa”: ao menos neste caso, os efeitos da política externa brasileira expressar-se-iam no cenário local, beneficiando os grupos políticos hegemônicos. No entanto, não se trata de posições contrárias, mas sim complementares: a articulação entre diferentes esferas e tensões políticas, nacionais e mundiais, que se aproximam daquilo que consideramos hoje como abordagens da *História Global* e/ou *transnacional*, que se propõem a apreender e interconectar um conjunto de perspectivas e posicionamentos de uma forma descentralizada, sem reduzi-las a um único sentido ou razão.

Estas historiografias, bastante presentes hoje, ainda eram pouco difundidas no Brasil dos anos 1980. Todavia, já se encontravam relevantes em outras regiões do mundo, e foram sinalizadas por Moura como tendências importantes, notadamente no campo da história das relações internacionais (MOURA,1989). Desta forma, podemos encontrar em *O Alinhamento Sem Recompensa*, se não os conceitos estabelecidos, ao menos diferentes aspectos das abordagens globais - sobretudo, a ênfase nas relações como chave analítica, substituindo a compreensão estruturada numa relação mecanizada de hegemonia. Assim, a política externa do governo Dutra pode ser vista como “alinhamento sem recompensa”, mas esta atitude não partiu de uma imposição estadunidense, mas de ações e interesses dos dirigentes brasileiros.

Referências

CONRAD, Sebastian. **What is Global History?** New Jersey: Princeton University Press, 2016.

LAFER, Celso. Gerson Moura - In Memoriam (1939-1992). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, pp. 131-133.

MEIHY, José C.S.B. A outra Lei de Gerson: in memoriam de Gerson Moura (1939-1992). **Revista História**, São Paulo, n. 127-128, ago-dez/92 a jan.-jul/93, pp.181-186.

MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

MOURA, Gerson. Historiografia e relações internacionais. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, n.10, jul-dez 89, pp.67-86.

MOURA, Gerson. **Relações exteriores do Brasil : 1939-1915 : mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.